

## **Carris da infância**

Lá vai o trem tocando os carrilhões,  
a fumaçar saudades da infância  
e a encurtar, um pouco, a distância  
que o tempo rodopia nos vagões.

Pois é que o trem tem lá suas razões  
pra carregar a vida pelos trilhos  
e entoar dolentes estribilhos,  
pelos sóis e luas dos sertões.

Lá vai o trem fugindo de estações,  
a embalar chorosa poesia  
(pelos troncos senis da ferrovia),  
como fosse um soneto de Camões.

E assim... a carrilar recordações...  
apita enquanto faz a travessia.

## **Uma parábola para Rimbaud**

E, ao parir as dores da costela,  
olhou pra Deus, com olhos de Adão,  
e desnudou com sua própria mão,  
de todas criaturas, a mais bela.

Até o Pai sentiu vergonha dela,  
e se escondeu, por trás da onipotência,  
e fez Adão ter plena consciência  
do pecador que ora se revela.

E ele e Deus, em santa comunhão,  
a despojaram (como de costume),  
por conta da inveja e do ciúme,  
dos dotes conjugais da criação.

Adão morreu (com sua geração)  
e a deusa nua, coberta de luto,  
adormeceu à espera do indulto,  
que desse fim à vil escravidão.

Até que um noviço vagabundo  
veio quebrar seu luto secular,  
e o mundo desde então pudesse olhar  
à luz do novo olhar do novo mundo.

Fez da beleza o pomo mais fecundo  
e assim reescreveu a profecia:  
tornou o verbo escravo da poesia  
e a poesia, Senhora do mundo

### **Parábola hodierna.**

Houve, e ainda restam os sinais,  
um homem que era homem de verdade.  
Talvez nem fosse mesmo de verdade,  
pois esses homens não existem mais.

Um dia ele encontrou pelo caminho  
um diamante, ainda pedra bruta,  
desses que faz um homem ir à luta  
junto aos cataventos sem moinho.

Da pedra bruta fez surgir um brilho  
que lhe ofuscou o campo da visão.  
E, quase cego, a deixou no chão  
e seguiu seu caminho, andarilho...

Anos depois um empreendedor,  
que ali veio assentar o seu negócio,  
chamou o homem honesto para sócio  
e fez do homem honesto um construtor.

E construíram juntos tantos anos,  
que o homem esqueceu do diamante.  
Até que um dia um grilo falante  
veio instigá-lo a mudar os planos.

Houve, e ainda restam os sinais,  
um grilo pleno de honestidade.  
Talvez nem fosse grilo de verdade,  
pois esses grilos não existem mais.  
Um dia encontrou no seu caminho

um belo diamante soterrado,  
tão cuidadosamente lapidado,  
com tanto esmero, com tanto carinho...

que, fascinado, o grilo emudeceu.  
Hoje ouve calado o andarilho,  
que tenta e não consegue dar o brilho  
ao diamante que já fora seu.

### **Poema obsidente**

Havia um cadeado enferrujado,  
que não abria nem fechava mais.  
Foi deixado no portão de trás,  
que nunca precisou de cadeado.

É que o portão um dia foi fechado,  
e colocado outro em seu lugar.  
E foi fechado apenas pra deixar  
a velha chave sem seu cadeado.

Havia uma chave enferrujada,  
que não fechava e nem abria mais  
o cadeado do portão de trás,  
no qual a chave nunca fora usada.

É que a chave um dia foi guardada,  
no fosso enferrujado da lembrança.  
Foi deixada lá na esperança  
de que jamais ela abriria nada.

Havia um portão entre os demais  
que não servia a nenhum lugar.  
Foi deixado pra se imaginar  
que não abria e nem fechava mais.

Esse portão se abriu um belo dia  
ao ver a chave entrar cadeado,  
que mesmo velho e todo enferrujado  
foi guardado, só por teimosia,

por um chaveiro louco que sabia

abrir, mesmo sem chave, esse portão.  
É que os loucos sempre têm à mão  
as chaves do portão da poesia.

### **Outono encantado**

Não vês que as nuvens bailam no horizonte  
a derramar mil versos, qual as chuvas,  
e que mil flores brancas ficam rubras  
pra colorir os sonhos desse instante?

Oh! Meu poeta, bem que eu quisera  
trocar mil versos feitos, por delírios;  
roubar, da perfumosa flor do lírio,  
o cheiro que anuncia a primavera.

Quisera ter o dom da poesia:  
fazer nascer o sol dia após dia  
e anunciar abril que bate à porta.

E assim, quando surgirem as desfolhas,  
o outono há de colher todas as folhas  
pra não deixar nenhuma folha morta.

### **Outra Lisboa**

Musa de todos Fados, a cantar  
o canto sedutor da alquimia  
e a derramar o Tejo (em poesia)  
pra muito mais além do Além-mar.

Musa de todas musas do Além-mar,  
hiato, entre o real e a fantasia,  
a soluçar o Tejo (em agonia)  
atrás dos montes, onde possa amar.

Se não colhi, da terra idolatrada,  
os cravos que sobraram da florada  
que perfumou o sangue lusitano,

foi por ser um poeta da garoa:

que canta sob o céu, doutra Lisboa,  
um fado tropical americano.

### **Um dono sem cão**

Vendi minha choupana de verão  
com tudo o que havia dentro dela:  
a lua que era vista da janela  
e as flores espalhadas pelo chão.

Vendi o sonho, ainda em construção,  
de reformar o mar e o jardim  
e junto, o pedaço a mais de mim  
guardado no latido do meu cão.

Vendi também o sol do ano inteiro  
como emolumento de escritura.  
Vendi, enfim, a brisa, a frescura...  
pra conseguir juntar algum dinheiro.

Só não vendi meu riso derradeiro  
ao sentir o meu cão sentir saudade.  
Hoje, a vergar no peso da idade,  
sou um dono sem cão e sem dinheiro.

### **Luvas vazias**

As suas mãos guiaram minhas mãos  
nos meus primeiros passos na escrita.  
A poesia, coisa mais bonita,  
brotava aos montes feito um turbilhão.

Eu era um verso ainda em nidação:  
um jovem rubicundo menestrel,  
qual uma pauta em branco no papel,  
à espera da divina inspiração.

Hoje jazo, sem vida, num soneto.  
De luto, a poesia veste preto,  
a debulhar o pranto das viúvas.

E quando minha mão procura a dela  
uma verdade triste se revela:  
a suas mãos são só um par luvas.

### **O par humano**

E da imensa e grã sabedoria  
nasceram os gineceus e androceus,  
que se opuseram as dádivas de Deus,  
em nome duma eterna confraria.

Do lado certo a seiva que vertia  
a deslizar no tronco do carvalho,  
adormeceu na fenda vil do talho,  
que o ventre da floresta escondia.

E fez-se um milagre à revelia  
da santa onipotência do Senhor,  
quando o viril girino fecundou  
o óvulo vital da poesia.

Do lado oposto, posto em agonia,  
as vítimas da flor e da espada  
vertiam sangue rubro na estrada,  
a macular a vida que nascia.

Enfim, da inumana assepsia,  
morreram os gineceus e androceus.  
E cada um dos súditos de Deus  
se mata pelo pão de cada dia.

### **Bucólico despertar**

O sol, ao nadar nas águas,  
faz do rio um grande espelho,  
que inunda de tons vermelhos  
a poça mais funda d'alma.

O céu veste azul-turquesa  
pra dar boa-vinda ao dia,  
enquanto o ar rodopia

mantendo a beleza presa.

A mato verde-amarelo  
torna o cenário singelo,  
como fosse feito a mão:

a brisa a colher as flores  
róseas, rubra, doutras cores...  
que o ipê entrega ao chão.

### **Monólogo do seio direito**

Hoje vivo a pagar pela saudade,  
que a lembrança de ti me sentencia.  
Velei por ti na vil patologia  
que mutilou bem mais que a vaidade.

Eu vi o sangue encher a cavidade  
e vi murchar o pomo ao meu lado.  
Eu vi um viço inteiro sepultado  
num jazido de dor, sem piedade.

Chorei contigo o leite derramado,  
ao ver que teu destino foi somado,  
como percentual, ao sofrimento.

Eu sou, do seio esquerdo, o vizinho  
que vive a dar guarida, a dar carinho...  
à dor, que ora sozinho, amamento.

### **Univitelinos**

E se beijam, se abraçam comovidos,  
a celebrar antiga amizade.  
E se sentem felizes e à vontade  
pra conversar de tudo, ao pé do ouvido.

O amor deseja o ódio, não duvido,  
como se fosse um bicho, em pleno cio,  
pronto a nadar, qualquer que seja o rio,  
qualquer que seja o rumo a ser seguido.

Os dois se dão a torto e a direto,  
como fazem os velhos conhecidos,  
pois são irmãos de leite já crescidos  
que mamam, sem pudor, no mesmo peito.

O dois têm em comum tantos defeitos,  
que um confere ao outro algum sentido.

### **Matéria plástica**

De tanto perfumar, perdeu o cheiro.  
Hoje não sabe mais se ainda é flor.  
Seu colibri também perdeu a cor  
e voa mais distante e mais ligeiro.

As pétalas caíram por inteiro,  
como se fosse outono, a primavera.  
Hoje é só a lembrança do que era:  
um calo sobre a mão do jardineiro.

Murcharam-se os talos, as sementes...  
Nasceram flores frias, diferentes,  
incapazes de abrir um só botão.

Com seus caules postiços, sem perfume...  
já não servem ao mais belo dos costumes,  
de falar com a voz do coração.

### **Evocação ao paraíso**

Ó Deus, que tudo enxerga e tudo escuta,  
que está um passo adiante e outro atrás,  
que sabe de si mesmo e dos demais,  
quer seja duma santa ou duma puta.

Ó Deus, que nos impõe sua conduta  
e que nos cobra amor e obediência;  
que nos faz carregar na consciência  
o peso do remorso que se avulta.

Ó Deus, que nos empresta o destino,



que sabe quando vai tocar o sino  
bem antes que a morte dê sinal.

Por que será meu deus, meu pai eterno,  
que o pomo que nos leva pro inferno  
foi plantado por ti, no teu quintal.

### **Fusão poética**

Alinho cada verso à poesia  
que faz de ti jazigo da vaidade,  
pois que sem ti meu verso é, na verdade,  
não mais que letra morta, sem valia...

Meu coração é tua primazia  
e faz, do teu, o seu diapasão,  
pra irrigar de sangue a emoção,  
que flui até a mim por qualquer via.

Cada poema meu, não por acaso,  
é como a flor que sabe qual o vaso  
há de servir de lar pra seus botões.

Se a flor funde o perfume à beleza  
e o vaso funde a flor à natureza,  
a poesia funde os corações.

### **Gêmea solidão**

A tua solidão, tal qual a minha,  
é um convite feito à fantasia,  
vez, que por estar só e tão vazia,  
procura um jeito de ficar sozinha.

Ficar silenciosa, enquanto o sono  
divide a noite com seu travesseiro.  
Sabe lá Deus quem vai dormir primeiro  
e quem se entrega mais ao abandono.

A minha solidão, tal qual a tua,  
é como uma a sombra seminua,

que não reflete imagem no espelho.

Mas que reflete os traços da lembrança,  
de que o amor é sempre uma esperança  
que vem aos nossos sonhos dar conselho.

### **Ambiguidade espúria**

Qual verme repulsivo e sequioso  
por vegetar preceitos moribundos,  
eis o poeta entregue há dois mundos,  
não sei qual deles dois mais presunçoso:

O mundo fictício da vaidade,  
onde o poeta abraça-se a Narciso  
e busca no espelho o paraíso  
do ego, que é, de si, a divindade?

O mundo sectário do egoísmo,  
no qual propala o vil proselitismo,  
para a casta mesquinha que o serve?

Em qualquer destes mundos, grã poeta,  
a poesia, dama indiscreta,  
há de escarrar seu asco em tua verve.

### **Fé amolada**

Pra tudo nessa vida há um jeito.  
Não há ninguém no mundo tão perfeito,  
que seja imune à dor e à desgraça.

Se o infortúnio bate em tua porta  
e a esperança finge-se de morta  
e teu sorriso já não tem mais graça...

Lança pra ti aquele olhar felino,  
olhar que muda as cores do destino,  
pois vê um brilho sob a escuridão.

Olhar de quem enxerga o futuro

e pode ver o fruto já maduro,  
quem sempre esteve lá, perto da mão.

### **Ciclo hierárquico**

Chefe só tem poder quando chefia.  
Um poder outorgado pelo cargo,  
que, ao findar, faz sentir o gosto amargo  
da mais torpe e vulgar hipocrisia.

Um chefe é mais estreito do que largo,  
quando faz do poder filosofia,  
já que parte da mente atrofia,  
pra caber nos limites deste cargo.

Chefe que não respeita o subalterno  
(use uniforme, ou jeans, ou use terno...)  
terá tudo o que fez por merecer:

um tapinha nas costas (bem fingido),  
e a certeza de que foi demitido,  
pra manter outro chefe no poder.

### **Discípulo de Onan**

Morreram, afogados na privada,  
os espermatozoides do garoto.  
Pobres coitados foram pro esgoto,  
nadando na paixão ejaculada.

A fantasia para a namorada  
foi o carrasco da execução.  
Foram banidos por uma só mão,  
após idas e vindas ritmadas.

Morreram, com as caldas decepadas,  
expostos à cruel execração.  
Sequer, sobrou um só, em um milhão,  
quando chegou o fim dessa jornada.

A mão, do vil carrasco, extasiada  
sepulta a seiva morta da paixão.

### **Era uma vez...**

Era uma vez um resto de saudade  
(dentro dum coração já muito antigo),  
que vivia sozinho, por castigo,  
e de tão velho já não tinha idade.

Vivia, como vive uma saudade  
num coração cansado e já senil,  
velando o que ficou de quem partiu,  
por mais que demorasse a eternidade.

Era uma vez um resto de saudade,  
que se perdeu na lágrima vertida  
e se encontrou num beco sem saída  
entre a brisa fugaz e a tempestade.

Morreu, tal como morre uma saudade,  
pra renascer em nova despedida.

### **Palco vazio**

Dá-me teus rijos seios para o beijo,  
guarda o pudor atrás do fingimento.  
Goza por nós a farsa do momento  
nos camarins da arte do desejo.

Despe-te do disfarce e, no ensejo,  
faz-me de objeto do cenário.  
Deixa guardado, dentro do armário,  
os vestígios de mim, como sobejo.

Lê, com vagar, a linhas do diário,  
como, nos velhos tempos, eu as lia.  
Recita, com voz de atriz, a poesia  
como se fosse um mote literário.

Troca o meu beijo doce e solitário,

pelos beijos salgado dos mundanos.  
Já borrei teu batom por tantos anos,  
que já não caibo mais no calendário.

Bem sabes tu, que quando cerra o pano  
no apagar das luzes da ribalta,  
se um coração sentir, do outro, a falta,  
o outro já achou um novo um dono.

## **Trajetória**

Herdou da mãe (de quem sugou o peito)  
as cinzas de antigos carnavais:  
um vírus, seus fantasmas naturais...  
e a renitente dor do preconceito.

Herdou do pai, do modo que foi feito  
(sob efeito de drogas e bebida)  
o fardo que hoje leva pela vida,  
embora leve a vida doutro jeito.

Sobreviveu a todos e a tudo,  
como se fosse um cego surdo-mudo,  
ouvindo a vida inteira o próprio Eu.

Até que, por heroica teimosia,  
munido de amor e poesia,  
lutou... se superou e enfim venceu.

## **Relativismo**

Quando se diz: verdade absoluta,  
diz-se uma mentira relativa,  
pois dêz que a verdade não nos sirva,  
a mentira está pronta para a luta.

Quem mente quase sempre leva a culpa,  
mesmo sem ser culpado. Na verdade,  
mentir é ir buscar, noutra metade,  
a parte verossímil da desculpa.

Quando se diz: mentira absoluta,  
diz-se uma verdade relativa,  
pois dêz que a mentira não nos sirva,  
a verdade está pronta para a luta.

E, salve algum desvio de conduta,  
uma deve manter a outra viva.

## **Clone**

Réplica das virtudes e defeitos.  
Da bioengenharia, o arquétipo  
nascido de um mutante agenésico,  
capaz de imitar um par perfeito.

Não teve mãe, sequer pra dar-lhe o peito.  
Não teve pai pra dar-lhe um sobrenome.  
Viveu, entre a fartura e a fome,  
sem presente ou passado, e sem direito.

Foi deus da sua própria agenesia.  
Em parte criador, em parte cria.  
Em parte foi inteiro e foi pedaço.

Foi a cópia infiel dum cromossomo  
que virou, não se sabe, quando e como,  
a risada sinistra dum palhaço.

## **Cisma**

Não fosse, na visão do ser humano,  
a fome a miséria a usura...  
apenas um detalhe de cesura  
no verso de algum parnasiano.

Não fosse, na visão do ser humano,  
a arte, a liberdade, o talento...  
apenas uma felpa posta ao vento,  
por sobre a imensidão do oceano.

Não fosse, na visão da maioria,

a igualdade apenas utopia,  
um sonho espavorido, um ideal...

Quiçá o Criador pudesse um dia  
dormir em paz ao ver que sua cria,  
já sabe distinguir o bem do mal.

### **Chave de um enigma**

Um dia triste viu-me da janela  
tentando escrever mais um poema:  
um dedo distraído sobre o treme,  
olhar desconcentrado frente à tela...

estava, a mendigar por um grafema,  
a cada uma letra do teclado.  
Um dedo, sobre o "a", fica parado,  
como que a matutar um teorema.

Um "a", um "eme", um "o", um "erre"... basta!  
O dia triste ri, e se afasta,  
e deixa na janela a impressão

de que já conseguiu o que queria.  
E eu, que andava triste como o dia,  
sorri ao entender qual a razão.

### **Linhas tortas**

Certa vez um poeta, por acaso,  
acordou uma velha borboleta,  
que dormia no fundo da gaveta  
presa por outro bardo do parnaso.

—Que fazes tu aqui oh! borboleta?  
Indagou o poeta desdenhoso.  
—Não vês que atrapalhas meu repouso?  
Retrucou, prontamente, a borboleta.

—Some daqui inseto impertinente!  
Gritou, em tom raivoso, novamente,

enquanto a borboleta se evadia...

Retruca a borboleta em pleno em voo:

—tolo parnasiano eu te perdo,  
pois deste liberdade à poesia.

### **Cão-de-guarda**

—Oh, Poeta! Porque tu bebes tanto?

Pergunta a poesia indignada.

—Me doem versos postos na calçada,  
como se fossem restos doutros tantos.

—Vai-te! Diz o poeta entre prantos.

Anda, que outro poeta te espera.  
Mais um trago, vomita uma quimera,  
e sai a cuspir verbo em qualquer canto.

A poesia (belo cão faminto)  
segue o poeta por um labirinto,  
como se os labirintos fossem nada.

E pisa em cada verso vomitado,  
e deixa, impunemente, lado a lado,  
rabiscos de sonetos na calçada.

### **Bufido**

Cansei-me da cultura viperina  
que nos empurra à literofobia.  
Eu já errei bem mais do que sabia  
e menos do que vida nos ensina.

Faço do erro a crassa poesia,  
que todos os poetas têm direito.  
Com todas as virtudes e defeitos,  
que nos brindam com mais sabedoria.

Erro na contramão do preconceito  
em que trafega a torpe academia:  
as mentes luminosas e vazias,



que comem verbo e otram no sujeito.

Peço que me desculpem o mau jeito,  
se disse um pouco mais do que devia.

### **Briga de amor**

Vou te abater, cupido atrevido,  
com um míssil mortal, um novo invento!  
Já te tenho na mira, este momento,  
e o dedo, no gatilho, está fletido.

Reza, pois tua alma já é finda  
e a dor ora me apaga a luz do siso.  
Eu vou sorrir, chorar, se for preciso,  
e, se preciso, choro mais ainda,

mas vou deixar-te inerte sobre o chão:  
semblante triste, a tez descolorida...  
e o sangue de lembrança da paixão,

que, de tão cega, crua e aguerrida,  
carpiu as flechas deste coração,  
pra te sangrar até o fim da vida.

### **Por pensar em saudade...**

Que faço das saudades que em mim moram,  
se todas são sementes ou raízes?  
Saudades das donzelas meretrizes,  
que vendiam amor... Pra onde foram?

Saudades da primeira namorada,  
do meu primeiro beijo, do abraço...  
dos seios no meu peito, um só compasso,  
da boca buliçosa, uma morada

dos amores que crescem dia à dia  
e chegam, aos confins da eternidade,  
ao encontro de Deus, pra virar saudade  
e uma vez saudade, virar poesia.

## **Em pedaços**

Uma banda de ti ficou guardada  
por sob a saia curta de menina:  
a banda que animou a colombina,  
que se escondeu e nunca foi achada.

Outra banda de ti foi encontrada  
por um acaso, por um jardineiro,  
no dia trinta e um de fevereiro:  
da mesma forma também foi guardada.

As duas bandas foram separadas  
por um hiato do teu corpo humano  
e se afastaram, com o passar dos anos,  
e hoje já estão divorciadas.

A mais antiga, que foi encantada  
pelos feitiços de um pierrô,  
virou lembrança do primeiro amor,  
que vez por outra pode ser lembrada.

A outra banda, recém encontrada,  
virou lembrança dum sonho qualquer,  
que sonha quando pode e quando quer  
manter a colombina acordada.

## **Despedida**

Eu guardo aquele olhar com que vestiste  
a íris colorida, brilhante lantejola.  
Olhar que rouba o ópio da papoula  
e, de tão raro, quase não existe.

Aquele olhar que olha e que insiste,  
e que ofusca todos os olhares.  
Capaz de inundar os sete mares  
ao lacrimar por uma coisa triste.

Eu guardo aquele olhar com que partiste,  
o olhar de até breve e até mais...  
O olhar que ignorou os meus sinais,

quando olhaste pra mim e não me viste.

Aquele olhar, entre o alegre e triste,  
de quem pretende não voltar jamais.

### **Autoestima**

Ao acordar dum sonho, por encanto,  
ouvi um recital de sabiás.  
Da melodia, uma nota em fá  
me fez ficar mais perto do meu pranto.

Mas não chorei, nem ri e, no entanto,  
em volta tudo ria ou chorava.  
Do sabiá a voz (antiga escrava)  
deixava, inda mais livre, o belo canto.

Por um momento, não me lembro quanto,  
pensei sentir, a mando dalgum santo,  
a morte vir a mim desde o além.

Mas logo veio o sol, com seu sorriso,  
me fazer entender que o paraíso  
faz qualquer sabiá cantar amém.

### **Amor fora da lei**

Se eu amei? A amei até a morte!  
Amei, ainda amo e amarei.  
Amei como um escravo e como rei,  
amei co'a tibieza de um forte.

Bem sabes tu o quanto eu amei.  
Aquele amor que morre e não termina,  
que tange o coração, qual bailarina  
e mata pra viver fora da lei.

Se eu amei? Amei mais do que eu pude!  
E hoje peço a Deus que me ajude  
me curar desse amor antes do fim.

Pois se amei e se amo sem limite,  
quicá o próprio Deus não acredite  
no amor que ele mesmo deu pra mim.

### **Anáforas de amor**

Um pedaço de sol no horizonte;  
uma estrela candente no caminho;  
uma flor circundada de espinhos;  
um amor que procura seu amante.

Uma luz que se apaga bem distante;  
uma uva que dá sabor ao vinho;  
um amor que, de só, vive sozinho;  
um suspiro de dor a todo instante.

Um poeta que escreve com carinho  
um poema que já foi feito antes;  
uma dor de saudade lancinante;  
uma ave que parte e deixa o ninho.

Um pedaço de ti, um pedacinho:  
Um amor que morreu ainda infante.

### **Testamento**

Deixo o meu adeus, com discrição,  
pra que entregues, sem fazer barulho,  
a todos pelos quais sinto o orgulho  
de ter compartilhado emoção.

E deixo, igualmente, o oração  
como lembrança viva, do vivido  
em cada bom momento dividido,  
fosse de amor, de riso, ou solidão.

Deixo o meu adeus em tua mão,  
pra que entregues, como fosse eu,  
àquele que me leu (ou que não leu)  
os versos que me fogem da razão.

Pois cada verso que julgava meu,  
apenas fiz a mera tradução.

### **A matemática da morte**

O corpo entregou-se finalmente  
à inércia das moléculas vitais!  
O coração que já não bate mais,  
no peito estagnado do doente,

calado, espera a voz do veredito:  
—Morreu! Não há um só sinal de vida!  
A alma ri da própria despedida  
e sai do corpo em busca do infinito.

Há uma inteligência soberana  
por trás das aparências desumanas,  
que se criam da morte em nossa mente.

Pois é na matemática da morte,  
que cada um calcula a sua sorte  
e o quanto mereceu ter sido gente.

### **Abandono**

Exilei-me de mim completamente,  
desde o primeiro beijo que te dei.  
Depois de tanto tempo inda não sei  
se há lugar para mim em minha mente.

Nem mesmo sei ao certo se sou gente,  
ou sou algum destroço do passado.  
Meu coração (ainda um exilado)  
descompassado bate inconsistente.

Sinto que até min'alma foi-se embora,  
deixando sobre a mesa, de penhora,  
os versos que, de ti, eu escondia.

Mas, apesar de mim, o sol desponta

e sempre algum poeta paga a conta  
de quem bebeu à luz da poesia.

### **Recriação**

Enquanto o mar dá beijos na areia,  
ela passeia (em nua majestade)  
alheia, a desfilar a mocidade,  
e a nuvem de desejos que a rodeia.

O sol prepara a carne para a ceia  
e encandeia seus seios contra o vento.  
Pisa na areia em busca do momento,  
que o vento há de soprar na sua teia.

O meu olhar atônito vagueia,  
qual um barco vagueia à deriva.  
E do seu ventre um mar de água viva  
agita-me o sangue pelas veias.

Nesse momento: o vento serpenteia,  
o mar recua as barbas no horizonte,  
uma gaivota voa bem distante  
e Deus derrama a vida na areia.

### **Metáfora do amor eterno**

E voa, e voa, e voa, e não descansa,  
que o céu até parece de brinquedo.  
E leva em cada asa um segredo  
revelado nos sonhos de criança.

E voa, entre a coragem e o medo,  
por sob a dor silente e o gemido,  
a procura do beijo adormecido  
que pôs uma aliança no seu dedo.

E voa... pés no chão, olhar perdido...  
um eco a ressoar, no seu ouvido,  
a voz, de um amor, emudecida.

E voa, e voa, e voa, e não se cansa  
de bater asas (plumas de esperança)  
atrás do mesmo amor em outra vida.

### **Vil filosofia**

Fez da janela um grande quadro-negro  
onde escrevia todo o aprendizado.  
Era um aluno super aplicado,  
capaz de ler latim escrito em grego.

Um dia começou a sentir medo  
do que podia ver pela a janela.  
De tanto medo, afastou-se dela  
e, de tudo o que viu, guardou segredo.

Então, fechou com chave e com trâmela,  
e nunca mais abriu sua janela,  
e viveu longe dela até o fim...

Quem coloca trâmelas no talento,  
não enxerga a visão do pensamento,  
nem lê escrito grego em latim.

### **Deu bode na filosofia**

Enquanto o bode berra na montanha  
e o boi pasta capim pela planície,  
o porco traz de volta à superfície  
a bosta que o homem abocanha.

Quanto mais fede, mais a plebe apanha  
e mais aumenta o fosso social,  
enquanto o lucro engorda o capital  
e o capital concentra toda a banha.

Enquanto a bicharada se acanha,  
o homem, sem pudor e sem vergonha,  
se torna a face humana da hiena

e reina, sobre a bosta, soberano.

Quiçá um lobo mal tenha algum plano  
e possa, sem querer, roubar-lhe a cena.

### **Fugaz filosofia**

Olho, pela janela escancarada,  
os confins deste mundo, mundo afora,  
enquanto o fim de tarde vai-se embora  
e a noite dá lugar à madrugada.

O mundo é uma coisa engraçada.  
Ajusta-se ao tamanho da janela.  
E se oculta bem mais do que revela,  
quase sempre a janela está fechada.

O mundo da janela é um pedaço  
do mundo que exhibe, a par e passo,  
a vida nua e crua, tal e qual...

A janela do mundo é, por inteiro,  
o pedaço mais puro e verdadeiro  
que é capaz de unir o bem ao mal.

### **Desejo, paixão e amor**

Nua, sem uma pétala sequer,  
a flor envergonhada se escondia,  
por trás de um buquê de poesia,  
num ventre aconchegante de mulher.

Ao lado, um botão de malmequer,  
a resguardar-lhe o viço e o pudor,  
há muito já sabia que tal flor  
era bem mais do que uma flor qualquer.

Vestido, com seu manto colorido,  
um nobre colibri, já bem vivido,  
há muito conhecia o malmequer.

A flor é o desejo sem algema,



o malmequer um verso do poema  
que o colibri faz dele o que quiser.

### **Terpsícore**

Ó musa de olhar doce e fulgente,  
candente qual estrela luzidia,  
olhar de quem enxerga a poesia  
que ainda nem nasceu dentro da gente.

Ó musa, minha musa indulgente,  
que mexe no peito, sem pudor,  
atrás de algum broto de amor  
que ainda nem deixou de ser semente.

Ó musa que afina o tom da lira  
e entoas os acordes de mentira,  
que o estro de poeta ora ensaia,

tem pena deste vil parnasiano.  
Não deixes que eu beba um oceano  
e pereça de sede em tua praia.

### **Silogismo poético**

Se cada um de nós é uma estrela,  
o céu é uma tela sem pintura  
à espera de uma nova criatura,  
que Deus tenha orgulho de fazê-la.

Se Deus olha por nós lá das alturas  
e nós somos estrelas de aquarela,  
o céu há de servir-nos como tela  
e Deus há de salvar-nos da loucura.

Se cada um de nós emana um brilho  
e Deus nos concebeu tal qual um filho,  
vejamos cada um como um irmão.

Se Deus nos fez irmãos sob o seu teto,

duvido que o divino arquiteto  
deixou estrelas sem constelação.

### **Lembranças de São João**

Os fogos, num balé alucinante,  
dançam por entre nuvens de fumaça.  
No peito, a saudade dói de graça,  
enquanto o coração bate distante.

É junho... o luar meu pranto embaça,  
distorce a visão da lua cheia,  
enquanto o sangue vaga pela veia  
na dor dessa saudade que não passa.

Meu Deus, como quisera ser criança!  
Gritar para assustar a vizinhança  
na noite enluarada de São João.

Pisar na brasa rubra da fogueira,  
à espera de achar alguém que queira  
a cinza que me embota o coração.

***"Nunca existiu uma grande inteligência sem uma veia de loucura."  
Aristóteles***

### **Mente aberta**

Levaram-no à força pro hospício,  
por discordar de todos e de tudo.  
O pobre homem, magro e cabeludo,  
impôs para si mesmo um sacrifício:

operar, sem descanso, o seu ofício,  
pelos guetos sombrios da cidade.  
Descuidado de tudo e sem vaidade,  
fez da contestação um novo vício.

Tiraram-no à força do hospício,  
tão logo começou a dar indícios  
de mudar o conceito de demência.

Hoje, ele escreve livros, dá palestra...  
e se ouve algum louco que contesta,  
é capaz de curvar-se em reverência

***"Quando começou a comprar almas, o diabo inventou a sociedade de consumo." Millôr Fernandes***

### **Corretor de almas**

Lúcifer (anjo de Luz)  
foi demitido do céu,  
por não cumprir seu papel,  
tal como cumpriu Jesus.  
Lúcifer comprou a cruz  
(pagou moeda romana)  
e, no final de semana,  
molhou a mão de Pilatos,  
pra omitir dos relatos  
onde arrumou tanta grana.

Como todo bom sacana,  
Pilatos lavou as mãos.  
Depois de coçar os grãos,  
em posição leviana,  
trouxe um soldado à paisana  
pra ler o rito final:  
—seja por bem ou por mal,  
declaro o réu inocente!  
E desse dia pra frente  
ser desonesto é normal.

Como é sabido, afinal,  
Jesus tomou seu lugar  
e deu-se à cruz, sem curvar  
a coluna vertebral.  
Lúcifer (com capital)  
hoje tá na vida calma:  
dia inteiro bate palma  
na portas dum pé na cova  
trazendo à mão uma prova  
de que comprou sua alma.

*Este poema foi instigado pelo texto "**Milagre ou destino?**" do pensador livre **Príncipe da Soledade**, publicado no recanto das letras em 28/02/2011.*

### **Quem manda em minha vida?**

Então, quem é que manda em minha vida:  
um deus que tudo vê e tudo sabe?  
ou será o destino a que me cabe  
o adeus da eterna despedida?

Alguém pensa que sabe, alguém duvida,  
quer de deus, quer dos braços do destino,  
quer da corda que faz tocar o sino,  
quer do sino que toca em seguida.

Quem manda em minha vida, eu vos digo,  
é ainda mais sábio e mais antigo  
do que possa caber numa reposta.

Pois quem manda é dúvida perene,  
que se impõe até mesmo ao próprio gene  
que dá fim à matéria decomposta.

### **A saga de Adão**

No princípio era nada,  
quicá um pé de maçã.  
Até que certa manhã  
(ou era de madrugada?)  
a cobra que foi criada  
pra servir à tentação,  
entre as pernas de Adão,  
botou a língua de fora  
e em menos de meia hora  
fez grande revolução:

Acendeu o lampião  
das noites do paraíso,  
tocou a língua no guizo  
fez elogio pro cão.  
E de lá, até então,  
como narra a escritura,

o molejo da cintura  
deu à luz ao rebolado,  
que dá vazão ao pecado  
quando a fruta tá madura.

Adão saiu à procura  
dum novo lugar ao sol,  
com a vara sem anzol,  
um naco de rapadura,  
o toucinho da gordura  
extraído da serpente,  
um tonel de aguardente,  
um cigarrinho de palha,  
um matolão para a tralha  
e Eva marchando à frente.

Como o dia estava quente  
e não tinham guarda-sol,  
andavam em caracol  
(à exemplo da serpente),  
quando mais que de repente,  
lá das entranhas do céu,  
uma folha de papel  
caiu defronte ao cortejo

e Adão sentiu o desejo  
de escrever um cordel.

E rabiscou no papel  
em redondilha maior,  
indo de mal a pior,  
(como um novo menestrel),  
quando assuntou um tropel  
e descobriu, por acaso,  
que entre o fim do ocaso  
e o brilho da lua nova  
dividiria uma cova,  
com mais alguém do Parnaso.

***Entre o riso e a lágrima há apenas o nariz." Millôr Fernandes***

**"Filosofossa"**

Chora por quase tudo o infeliz!  
Quer seja de alegria ou de tristeza.  
Chora, pois é da sua natureza  
chorar, quer pela chaga ou cicatriz.

Ri por qualquer bobagem que se diz:  
um gracejo qualquer, uma anedota...  
Ri como deve rir um idiota,  
que não nasceu hiena por um triz.

E chora, e ri, e ri, enquanto chora,  
qual um bebê chorão que não tem hora,  
ou um quase palhaço: um aprendiz.

E ri, e chora, e chora enquanto ri,  
que até parece "A Rosa" de Dali  
a meditar nas fossas do nariz.

***"A morte despe-nos dos nossos bens para nos vestir das nossas obras."  
Jules Petit***

**Ao teu legado**

Sete dias depois da tua morte,  
a vida ri e chora doutro jeito,  
e o coração calado (no teu peito)  
faz um silêncio cada vez mais forte.

Só Deus pode assinar o passaporte  
de quem retorna ao céu (a seu pedido)  
muito tempo depois de ter cumprido  
a missão que nos sela a própria sorte.

Tu, que foste mulher, e mãe, e filha...  
que seguiste e deixaste, como trilha,  
um exemplo de amor, de retidão...

hás de ter o descanso que mereces.

E se Deus escutar as nossas preces  
com certeza ouvirá teu coração.

## **Wong**

Me despeço de ti, querida amiga,  
por uma pá de tempo, não sei quanto.  
Deixaste o teu adeus em cada pranto,  
que ainda hei de chorar por esta vida.

Me despeço de ti, só por enquanto,  
pois sou um companheiro de viagem,  
que ainda não deu conta da bagagem,  
que aguarda, empoeirada, nalgum canto.

Segue, pois o teu rastro, como um guia,  
há de me conduzir à poesia,  
até que eu possa enfim estar contigo.

Decerto sentirei a tua ausência.  
Mas tenho a mais perfeita consciência  
de que darás a mão pra este amigo.

"Dizer bobagens areja a alma." Mario Quintana

## **Bobageira**

Há muito junto força e coragem  
para compor um verso, sem censura,  
capaz de dar um nome à mistura  
de bosta, poesia e sacanagem.

Um verso que enseje uma mensagem  
sem nexo, sem valor, sem poesia...  
um versinho qualquer, sem serventia,  
que o poeta dispensa da bagagem.

Há muito só escrevo coisa séria:  
protestos contra a dor e a miséria,  
que rondam este mundo desigual.

Um dia hei de expelir, com muita calma,  
a merda, que do fundo de min'alma,  
borra a manchete escrita no jornal.

***"...a sociedade tal como a constituímos não terá mais lugar para mim."  
Oscar Wilde***

### **Quebra de paradigmas**

Há divisão de classes. Na verdade,  
o homem nasce e cresce no seu meio,  
bem nas proximidades do alheio,  
que parece roubar sua metade.

Assim se distribui, com paridade,  
os bens que a natureza agracia  
a cada ser humano e sua cria,  
em nome dessa tal sociedade.

Eu, que sou um poeta, apenas isso,  
não posso me furtar do compromisso  
de protestar por mim e pelos meus.

E, se preciso for, por bem ou mal,  
roubar do céu o imenso capital,  
que o homem concentrou na mão de Deus.

***"Não é o perfeito, mas o imperfeito, que precisa de amor." Oscar Wilde***

### **Perfeita mente**

Bote um pouco de amor neste soneto.  
Aquele que lhe sobra dia a dia.  
Pois o amor atrai a poesia,  
qual bandinha de frevo no coreto.

O amor procura um verso imperfeito  
pra desmistificar a perfeição:  
um verso que saiu do coração  
antes do coração bater no peito.



Bote um pouco de amor na poesia.  
Aquele que lhe pede, todo dia,  
a paz da mais completa solidão.

Pois o amor acolhe qualquer verso,  
dês do mais pueril ao mais perverso,  
inda que a poesia diga não.

***"Ser grande significa ser incompreendido." Oscar Wilde***

### **Incógnita**

Ao procurar o xis da equação,  
na expressão algébrica da vida,  
o homem faz de conta que duvida  
do número inteiro e da fração.

Ao procurar, nas teias da razão,  
pelo o ovo fecundo da aranha,  
o homem se dá conta da façanha  
de repetir os atos de Adão.

Ao procurar sementes sob o chão,  
um cego não precisa da visão,  
pois sabe exatamente onde encontrar.

Ao encontrar o xis na multidão,  
o homem se dá conta, desde então,  
que tudo nesta vida tem seu par.

***"Escrever é fácil. Você começa com uma letra maiúscula e termina com um ponto final. No meio você coloca idéias." Pablo Neruda***

### **Receita para escritores neófitos**

Maiúscula é a letra que inicia  
o verso, a prosa, a frase, a oração,  
qualquer que seja a pena, ou a mão  
que faça, da escrita, serventia.

Não interessa a forma de grafia,

ou em que língua o texto é escrito,  
pois esta regra é um requisito,  
que não se contrapõe à poesia.

Se tu pretendes ser um escritor,  
há mais uma regrinha, que é por  
um ponto, ao terminar a oração.

E tudo o mais, o que couber no meio,  
será, do texto, apenas um recheio  
pra dar maior volume à redação.

***"Das cartas que me escreve, faço barcos de papel"***

***Mario Quintana***

### **Barquinho de papel**

Navego o meu barquinho de papel,  
desde que me entendo como gente.  
Seguia o curso d'água da enchente,  
como deve seguir um cão fiel.

A chuva, feito lágrimas do céu,  
levava, de roldão, qualquer tristeza.  
E o barco, a deslizar na correnteza,  
levava, pra bem longe, todo o fel.

Hoje faço barquinhos virtuais,  
com as notícias, postas nos jornais,  
sobre rios de sangue e o mar de lama.

Também faço das cartas de amor:  
aquelas que nem sei aonde pôr,  
pois quem as escreveu já não me ama.

***"A preguiça é a mãe do progresso. Se o homem não tivesse preguiça de caminhar, não teria inventado a roda." Mario Quintana***

### **Ode à preguiça**

Sou preguiçoso, sim, de nascimento!  
Adoro fazer nada o dia inteiro!  
Prefiro ver à luz de candeeiro,  
do que por uma lente de aumento.

Prefiro descansar os dez por cento  
do cérebro, que trago na cachola,  
do que ser o primeiro da escola  
e ter que trabalhar o meu sustento.

Sou preguiçoso, sim, desde criança!  
E sempre alimentei a esperança  
de que a morte seja muito mais...

De modo que, ao tocar o funeral,  
ela agarre no sono em meu quintal,  
e me deixe, por fim, viver em paz.

***"O sábio nunca diz tudo o que pensa, mas pensa sempre tudo o que diz."  
Aristóteles***

### **Sapiente**

Um poeta que diz tudo o que pensa,  
provavelmente pensa o que não diz,  
pois um poeta é sempre um aprendiz  
que finge ser um sábio de nascença.

É que o poeta é réu e é juiz,  
pois julga e anuncia a sentença.  
E ainda que seu verso não convença,  
faz uma rima triste ser feliz.

Um poeta que pensa no que diz  
é como uma roseira com raiz,  
que se verga ao peso duma flor.

Um poeta que olvida os pensamentos,  
há de rir e chorar aos quatro ventos  
e vergar a coluna aonde for.

***"Às vezes, a única coisa verdadeira num jornal é a data."  
Luis Fernando Veríssimo***

**A Folha marrom: editorial de 31 de fevereiro de 2020.**

Li, numa dessas folhas de jornal  
que se arvoram de toda a isenção,  
a mais tendenciosa opinião  
que se possa escrever num edital.

Falava sobre o bem que o capital  
trazia para a classe proletária:  
bem mais do que a tal reforma agrária,  
ou outro benefício social.

Enaltecia o lucro, o banqueiro...  
a força propulsora do dinheiro:  
"o bem maior de toda a humanidade."

Parei de ler jornal, desde então,  
por ter chegado à triste conclusão  
de que nem mesmo a data é de verdade.

**Bocage (reedição)**

Eu trocaria todos meus senões  
e todas as certezas desta vida,  
por um verso qualquer da despedida  
de Bocage na tumba de Camões.

Eu daria a cabeça aos leões  
e o pescoço à faca, para o corte,  
por um verso qualquer da dura sorte  
de Bocage em cotejo com Camões.

Eu trocaria um mar de poesia

por uma gota só da idolatria  
de Bocage à grandeza de Camões.

Eu daria à Bocage, com certeza,  
todos dons que o dom da natureza  
emprestou ao talento de Camões.

***"Democracia é quando eu mando em você, ditadura é quando você manda em mim." Millôr Fernandes***

### **Demo-cracia**

Eu sou um democrata bem moderno.  
Aceito discutir qualquer assunto.  
Como feijão de corda com presunto,  
quer seja aqui no céu ou no inferno.

Visto mangas cavadas sob o terno,  
calço sandália, ou cromo alemão.  
Bebo cachaça pura ou com limão,  
seja com diretor ou subalterno.

Sei que a democracia, a esta altura,  
faz parte da antiga ditadura  
que Deus sentenciou ao paraíso.

Eva deu o seu voto pra serpente  
e como Adão não tinha um só parente,  
ainda hoje amarga o prejuízo.

### **Metáfora colonoscópica**

Aquele olhar que enxerga quase tudo,  
se pôs a devassar minhas entranhas,  
a vasculhar nas teias de aranhas  
em busca dalgum ente surdo-mudo.

E remexeu sem dó, sem parcimônia...  
os antros do meu tubo digestivo,  
como soubesse achar um bom motivo  
pra brindar o final da cerimônia.

Aquele olhar agudo, sem-vergonha...  
me desnudou, do reto ao duodeno,  
qual uma cobra preta, sem veneno,  
atrás dalguma fonte de peçonha.

Só pra satisfazer a velha sanha,  
abocanhou um pólipó pequeno.

### **Terceira visão**

Eu sinto a tua presença  
na brisa do teu andar,  
muito mais do que tu pensas  
que alguém te possa enxergar.

Também sinto o teu olhar  
a desnudar meus anseios:  
essa vontade de amar,  
de me agarrar nos teus seios...

Morder-te o bico do peito,  
bem perto do coração,  
até que não tenha jeito  
do teu corpo dizer não.

Eu sinto a tua presença  
em todo e qualquer lugar,  
muito mais do que tu pensas,  
que se possa imaginar.

Também sinto o teu passar  
a desviar-se de mim,  
qual a corrente de ar  
que foge do meu jardim.

Fosse eu um querubim  
te daria o meu altar.

## **Mulher**

De código genético fiável,  
arranjo helicoidal de nucleotídeos:  
a perfeição de todos hominídeos  
que fazem este mundo habitável.

De mente calmamente inflamável,  
que briga e ama, e teima, e renuncia...  
ora uma bela e pura poesia,  
ora uma prosa dura e implacável.

Caráter pétreo, alma cobiçosa,  
sentimental na entrega e na procura,  
é a mulher, de todas criaturas,  
a mais completa, justa e corajosa.

De segredos guardados nos quadris,  
traz no gene um discreto algo mais:  
qualquer coisa que fala por sinais  
e é capaz de calar todos fuzis.

Se houver neste mundo alguém feliz,  
a mulher certamente está por trás.

## **Paixão crucificada**

Fosse parido numa manjedoura.  
Ouvisse a mãe mugir a castidade.  
Quiçá pecasse mesmo, de verdade,  
no seio de paixões devastadoras:

paixões morenas, brancas, negras, louras...  
que me morderam, pela vida afora,  
com a boca faminta que devora  
a carne das paixões inda vindouras.

Fosse eu um rebento de Maria,  
ungido pelo sêmen de José,  
quiçá pusesse à prova a minha fé  
nos dotes divinais da poesia.

E antes de chegar o fim do dia,  
quicá roubasse enfim da velha cena  
o beijo que negou-se a Madalena  
e naufragou no pranto de Maria

### **Viés democrático**

Quanto civismo, quanta honestidade,  
esbanja a doce elite brasileira.  
Há homens probos postos em fileira  
por todos os balcões da probidade:

aos sábados, domingos, sextas-feiras  
do malte, do tanino, da cevada...  
das mesas privativas na calçada,  
dos tocos de cigarros, da sujeira...

E o homem probo, sua majestade,  
saúda um amanhã a cada dia:  
come discursos, faz filantropia...  
e, assim, se diz um homem de verdade.

Quanto civismo cabe na carteira  
dessa gente granfina e educada,  
que ri da velha insípida piada  
do pobre que morreu de caganeira,

do pobre que morreu analfabeto,  
do pobre que não teve educação,  
do pobre que caiu da construção  
por não achar a mão do arquiteto.

E o probo, no seu sonho mais secreto,  
pensa como roubar sem ser ladrão.

### **Chuva de flores**

O sol, o mar, as dunas de areia...  
o vento, a sibilar bela cantiga,  
sacode os seios nus da rapariga  
e o sangue que borbulha em minhas veias.



Ao longe, o canto triste das sereias  
faz a segunda voz da poesia,  
enquanto o sol espalha a luz do dia  
sobre meu o vil castelo de areia.

Era verão com cor de primavera,  
como se o céu vestisse fantasia.  
E lá estava eu, em sintonia  
a esculpir moradas de quimera.

Por um momento o vento aquiesceu,  
e o sol se recolheu por trás do mar.  
Não mais ouvi sereias a cantar...  
quedamos, frente a frente, tu e eu.

Vi dos teus olhos lágrimas parelhas,  
quais gotas de orvalho em profusão.  
E como por milagre de verão,  
choveram flores fulvas e vermelhas.

### **Tarjando preto**

Onde andaré o meu psicotrópico,  
que não me lembro mais da prescrição?  
Se era tarja preta, lembro não,  
mas li, nalgum lugar, que era tóxico.

Quiçá larguei na casa do patrão,  
pois o patrão tem algo parecido.  
Coitado do patrão foi demitido,  
por assinar a própria demissão.

O cara tem lesão no nervo óptico  
(complicação de hiperglicemia),  
sofre também de epilepsia...  
recentemente ficou psicótico.

Não se lembra mais de ter vivido,  
desde a derradeira prescrição.  
Come, como se fosse a solução  
pra falta de dinheiro e da libido.

E eu, que só consigo dizer não  
sob o efeito do psicotrópico,  
ando a cada dia mais neurótico  
por conta dessa longa abstenção.

Meu médico aviou uma injeção  
de mais de dez milhões de insulina;  
supositórios, drágeas, vitaminas...  
xarope, aerossol e suspensão.

Não tomo mais o meu psicotrópico!  
Vou namorar a filha do patrão  
e procurar um outro charlatão  
pra refazer o meu diagnóstico.

E, se sobreviver a ele (é lógico),  
vou consultar mais uma opinião.

### **Fim da estória**

Era uma vez um filho de galinha,  
guerreiro implacável e destemido,  
que nunca por ninguém fora vencido,  
nem mesmo pelo ganso da rainha.

Vivia o tal guerreiro, pela rinha,  
a exhibir a calda, a espora...  
dês do anoitecer até aurora  
como tivesse um calo na espinha.

Um dia ele quedou-se apaixonado  
de asa, e bico, e pena, e coração...  
e toda a sua empáfia de machão  
quedou-se, com seu ego, lado a lado.

Hoje, esse velho ovíparo galado  
vive a cantaricar feito capão.

## **Cenatório**

Saudoso, a caminhar por sobre areia  
e a decalcar pegadas no caminho,  
olhava o sol deitado (inda no ninho)  
como se a vida fosse coisa alheia.

Do mar se ouviam cantos de sereias  
a entoar soluços de amor,  
enquanto o sol suava de calor  
e o sangue borbulhava em minhas veias.

Do vento, espirais redemoinhos  
brindavam o rumor da maré cheia,  
enquanto o céu, já posto para ceia,  
espera que a saudade traga o vinho.

Saudoso, eu esperei o sol se pôr,  
com mente e coração em desalinho.  
E ali fiquei em busca de carinho  
até que a lua veio a meu favor.

Saudade é se levar onde se for  
um concerto de amor e ouvir sozinho.

## **Musas de carne e osso**

Mulheres são poetas, musas, são poemas...  
Mulheres são guerreiras, armas, são batalhas...  
Mulheres são mundanas, fogo, são de palha...  
Mulheres são figuras, grandes, são pequenas...

Mulheres são sofríveis, frágeis, são fornalhas...  
Mulheres são amantes, doces, são tão ternas...  
Mulheres são dilemas, virgens, são eternas...  
Mulheres são açoites, noites, são navalhas...

Guerreiras são gestantes, mães são aguerridas...  
Mundanas são errantes, falsas, são fingidas...  
Mulheres são humanos prenes, são sementes.

Amantes são parceiras, jogos, são brinquedos...

Poetas são eternas, líras, são sonetos...  
Mulheres são mulheres, só e simplesmente.

### **Homem bomba**

Porque ninguém percebe a sua voz?  
É que o silêncio fala mais que o grito,  
mesmo ele estando ali perto de nós.  
Aquele moço triste, olhar contrito,  
que leva, de memória, algo escrito,  
leva uma bomba invés dum coração.  
Mas só se há de ouvir a explosão  
depois da derradeira tentativa.  
Enquanto a mão liberta for cativa,  
a morte há de ser livre noutra mão.

### **Manga Rosa**

Meus pés descalços, sobre a terra quente,  
ardiam como brasas de São João.  
Como fogueiras vivas, pelo chão,  
que flamam, na memória, alegremente.

São as lembranças, cacos de uma vida,  
pedaços de emoção cristalizados,  
minuciosamente desenhados,  
sobre a saudade mal compreendida.

Que foi feito da manga, Teresina?  
Do sol que a beija, qual um beija-flor?  
A bela flor purpúrea furta-cor,  
dos lábios cor-de-rosa de menina!

Eis a lembrança viva e mais antiga.  
Uma emoção dormida no passado.  
Um faz de conta enfim, dalgum pecado  
que Deus cobrou da minha gente amiga.

## **Blasfematório**

Nas nuvens via barbas de algodão  
(imagem que fazia do divino),  
quando ainda um tímido menino  
rogante ao Deus do pomo de Adão.

O Todo Poderoso disse não  
a todos os seus viços de criança.  
Assim, cresceu no vácuo da lembrança,  
até ganhar o mundo da razão.

Um dia suas nuvens despencaram  
como chuva (de raios e trovões)  
a inundar os salmos e orações...  
e todos os seus desejos acabaram.

Então, a ruminar seus palavrões,  
seguiu pela cidade em romaria...  
Rasgou o seu Pai Nosso, Ave Maria...  
e foi rezar na cruz dos dois ladrões.

## **O Homo sapiens moderno**

Do vômito fecal da criação  
à fossa sanitária do universo,  
o dejetos do Pai compõe meu verso,  
disfarçado de Eva ou de Adão.

Criado no ocaso da moção  
pela visão canhestra do divino,  
carrega um neurônio no intestino  
pronto pra desovar sua função

de predador da auto existência:  
um semideus humano, sem decência,  
a fomentar seus erros no perdão.

O homo sapiens pleno, inteligente...  
que come, e dorme, e vive, como gente,  
mas incapaz de amar o seu irmão.

## **O caboclo ( meu primeiro poema, ainda adolescente)**

Adormecido em fé e ignorância  
Rega nas mãos a sua inteligência;  
Vez que o caboclo, desde tenra infância,  
Faz do trabalho a sua consciência.

Embora não conheça o alfabeto  
Escreve na terra sua obra prima:  
A poesia que emoldura a rima,  
Que lhe conforta e lhe dá um teto.

A poesia simples, o condimento.  
A roça, a enxada, o suor do rosto;  
A luta, a labuta , o amor, o gosto  
De fazer das mãos o seu sustento.

Eu, que aluguei um banco de escola,  
Da culta elite intelectual,  
Realcei a inteligência cerebral  
Que todos recebemos por esmola...

Quisera, ó caboclo, ter crescido  
De sorte a alcançar tua grandeza.  
Ser simples, como tu, por natureza.  
Ser sábio de não ter mais aprendido!

***Hoje aos sessenta anos, já vividos,  
entendo este poema com clareza.***

## **Ensaio sobre a doutrina Espírita**

Vós sois as esculturas do universo,  
espírito incrustado na matéria!  
A sina da riqueza e da miséria  
nas sombras do amor e seu reverso!

O amor é vossa aura de beleza,  
o ódio, vosso ego autofágico.  
Vós sois o que há de bom e o que é trágico...  
Vós sois da vida a morte, vossa alteza.

Sois escravos de todos os vossos bens.  
Sois vassallos da vossa vil fraqueza.  
Sois um pedaço d'alma, que jaz presa  
nas cordas das paixões que sois reféns.

Mas eis que a liberdade, o novo norte,  
ao vir do sono eterno do infinito,  
há de realizar o que foi dito  
pelo Pai, sobre a vida e sobre a morte.

Dará, à inteligência, a luz humana,  
como os faróis do mar aos navegantes:  
o norte verdadeiro no horizonte  
pra expiar da vida o que ela dana.

Virá pois, a verdade nua e pura  
livrar-vos do egoísmo da matéria.  
E, enfim, navegareis na grande artéria  
que une o Criador à criatura.